

BIOGRAFIA, TRAJETÓRIAS E MEMÓRIA: HISTÓRIAS DO POETA JOSÉ COSTA LEITE

Geovanni Gomes Cabral¹

O passado não está simplesmente ali na memória, tem de ser articulado para se transformar em memória.

(Andréa Huyssen)

1.Introdução

Era uma tarde de sol, um final de semana, um dia como outro qualquer. Resolvi ir até a cidade de Condado, zona da mata norte do Estado de Pernambuco, bater à porta do poeta popular José Costa Leite. Conhecia-o apenas por nome e fotografias, embora fosse admirador do seu trabalho poético, apreciador de seus folhetos e histórias. Estávamos no mês de maio de 2011. Dirigi-me à rua Dr. Julio Correia, à casa de nº 223, apreensivo, mas confiante do que almejava naquele momento: encontrá-lo. Toquei o interfone e uma voz cansada perguntou do outro lado da casa: - Quem é? Ao me identificar, sua esposa, dona Severina Maria de Almeida Leite veio abrir o portão. Olhou para mim desconfiada e convidou-me a entrar. Aguardamos uns minutos até a chegada de seu Costa Leite, que, depois das apresentações, conversou bastante acerca da importância da literatura de cordel e sobre sua produção, editada atualmente pela Editora Coqueiro, situada no bairro de Campo Grande, Recife /PE.

Aos poucos, aquele poeta se apresentava como um grande artista da palavra, falava de poesia com leveza, com maestria, com a experiência de um cordelista aos oitenta e quatro anos de idade. A voz e o corpo apresentavam sinais da idade, porém a mente, fecunda e vivaz, tinha uma lucidez privilegiada. Feliz ao falar de sua arte, de seus folhetos e de suas xilogravuras. O olhar brilhante e a palavra precisa com toques

¹ Doutorando em História no Programa de Pós Graduação da UFPE. Esta comunicação faz parte de uma pesquisa mais ampla acerca do cordelista, xilógrafo e almanaqueiro José Costa Leite, sob a orientação do professor Dr. Flávio Weinstein Teixeira e apoio financeiro da FACEPE. Agradeço as leituras e contribuições da Profa. Regina Beatriz e a Profa. Doutoranda Paloma Borba. Este texto será publicado com alguns acréscimos e imagens em livro organizado pelo autor.

rimados descontraíam a tarde, que aos poucos cedia lugar para a noite que anunciava sua chegada.

Esses momentos e conversas, conduzidos por uma entrevista informal, foram decisivos e ímpares para adentrarmos na pesquisa e aos poucos entendermos esse cordelista e sua produção poética. Um homem que vem há décadas registrando na capa de seus folhetos a expressão “A voz da poesia nordestina”.

As perguntas surgiam, as dúvidas pairavam no ar. Queríamos entender a poesia e o universo cultural desse poeta, por onde andou, como se tornou um cordelista, por que ainda permanece escrevendo poesias e talhando suas xilogravuras, vendendo-as na feira? Após nosso breve contato, veio à tona a certeza de que valeria a pena escrever sobre esse poeta, narrar traços de sua trajetória biográfica, de suas andanças, pesquisar e conhecer um pouco de seus percursos no tempo. Talvez entendendo esses caminhos, as encruzilhadas de sua vida, possamos compreender sua vasta produção poética, sua cosmovisão de mundo, seu cotidiano e, por conseguinte, entender um pouco mais a história.

Escrever sobre vidas, contar suas histórias não é papel tão simples assim, especialmente no campo do conhecimento histórico. Nas palavras de Francois Dosse (2009, p.11), a biografia mantém uma relação forte com o passado, sendo um elemento privilegiado na reconstrução, marcada pelos sonhos e angústias do narrador, de uma época; o autor afirma que “escrever a vida é um horizonte inacessível, que no entanto, sempre estimula o desejo de narrar e compreender”. Sendo assim, biografar não é devolver a vida, a sua heterogeneidade, esmiuçar todos os passos, mas encontrar caminhos que possibilitam entender sua trajetória enquanto ser histórico, enquanto indivíduo dentro de um universo cultural e social. É por isso que esse gênero narrativo suscitou grandes debates no tocante à metodologia e às questões teóricas.

Para Benito Schmidt (2012, p. 187-189), esse gênero biográfico nasceu na Grécia antiga, mais precisamente no século IV. Até então, quando objetivavam contar algum relato, os gregos privilegiavam o coletivo, tendo em vista a dinâmica social da

pólis grega. Mas foi nas culturas helenística e romana que esse gênero se difundiu, destacando-se os escritos de Plutarco (*Vidas Paralelas*) e Suetônio (*Vida dos doze césares*). Outra característica marcante desses relatos biográficos era o destaque conferido às “vidas” de seus personagens, destacando suas realizações, seus feitos ao longo da história.

Durante o medievo europeu, surgiram as hagiografias, textos que mencionavam histórias de santos, seus valores espirituais, suas condutas, suas regras morais. Uma sociedade pautada em valores religiosos tendo a Igreja Católica como mediadora dessas ações. Tais textos eram lidos em voz alta a fim de despertar no leitor/ouvinte, algo que viesse a servir como exemplo para a vida cotidiana. Mas foi por volta dos séculos XVII e XVIII que a palavra *biografia* apareceu nos dicionários europeus, na Inglaterra, na França e na Alemanha (SCHMIDT, 2012, p.187-189). Nesse período, o desgaste dos valores medievais mediante o retorno da cultura greco-romana, fruto das inspirações renascentistas, passou a incluir no rol dos biografados mulheres, artistas, bem como indivíduos de outras culturas. Nestes escritos era mantida a tensão entre o indivíduo exemplar e o indivíduo único, pautado na figura do herói que representava as qualidades e os valores da nobreza ou da sua terra.

Durante o século XVIII, com a filosofia iluminista, a figura do herói foi aos poucos cedendo espaço para os “homens” que serviam à pátria, à humanidade e sacrificavam suas vidas em prol da sociedade e seus ideais. A esses homens eram atribuídos valores que deveriam ser seguidos pela população, como civismo, moderação e pacificação. Os escritos biográficos ressaltavam um homem acessível a outros cidadãos da sociedade, mas com uma dose de individualidade e exemplaridade exigida pelas mudanças iluministas (SCHMIDT, 2012, p.189; BRUCK, 2009).

Foi por volta do século XIX, no entanto, que ocorreu uma preocupação maior com o indivíduo na história, o que fez com que o gênero biográfico tomasse novos rumos. Os padrões burgueses se faziam presentes no individualismo, no consumismo, nas relações sociais, mas nada disso levou os historiadores a dar ênfase à biografia

como forma de compreender o passado e o presente. É, aproximadamente, no período entre os anos 1980 e 1985, que Clio, a musa da história, passa a reivindicar esse gênero narrativo para fazer parte de seus diálogos e desafios. O muro que separava as abordagens biográfica e historiográfica foi quebrado, promovendo a consciência, entre os estudiosos, da importância e das virtudes, enquanto escrita, inerentes à narrativa histórica (DOSSE, 2009, p.16).

Nesse contexto, alguns autores falam na *volta* ou no *retorno* da biografia ao campo do conhecimento histórico. Vavy Pacheco (2004) prefere usar a expressão “renovação historiográfica”, a qual é considerada, pela autora, mais adequada, até porque a biografia é tão antiga quanto a própria história, tendo sido apenas desprezada e desvalorizada em suas possibilidades e fios condutores que tecem o conhecimento historiográfico e sua escritura. Assim ressalta Vavy Pacheco:

Atualmente, a biografia, como aliás quase tudo o mais, é vista como parte da história. Fala-se em um “retorno” da biografia. Na verdade não há um retorno, pois biografias-factuais e lineares – sempre houve e haverá; além do mais, falar em retorno é bastante francês, pois no mundo anglo-saxão a biografia teve sempre uma aceitação maior pela história. Percebo uma grande proximidade entre esse dito retorno e um outro, o da história política, concluo que seus pontos em comum provém da ampla renovação historiográfica que temos vivido nas últimas décadas (BORGES, 2004, p284).

Sobre esses aspectos, entendemos que o gênero biográfico possibilita uma inovação na compreensão da narrativa histórica de um indivíduo, por isso se faz *mister* investigar e analisar a vida do poeta José Costa Leite. Visamos, com isso, entender como sua trajetória de vida, experiências e reminiscências inserem-se em urdiduras políticas, sociais e culturais que vêm a refletir em sua poesia e escrita literária. Segundo François Dosse (2009, p.297), “com o retorno do biográfico, alguns historiadores não renunciaram ao empenho de chegar até aos anônimos da história. De diversas maneiras, mostram que é possível superar as falhas das fontes para descobrir qual tenha sido seu mundo”. Sobre os aspectos da escrita biográfica, afirma:

O domínio da escrita biográfica tornou-se hoje um terreno propício à experimentação para o historiador apto a avaliar o caráter ambivalente

da epistemologia de sua disciplina, a história, inevitavelmente apanha na tensão em seu polo científico e seu polo ficcional. O gênero biográfico encerra o interesse fundamental de promover a absolutização da diferença entre um gênero propriamente literário e uma dimensão puramente científica – pois, como nenhuma outra forma de expressão suscita a mescla, o caráter híbrido, e manifesta assim as tensões e as convivências existentes entre a literatura e as ciências humanas (DOSSE, 2009, p.18).

Ao privilegiar o gênero biográfico como um caminho para conhecer a vida de José Costa Leite, nos aproximamos da proposta de Jacques Le Goff (2001). O historiador biografou a vida de São Francisco de Assis de maneira fragmentária, ou seja, fugindo do campo tradicional de uma biografia cronológica com início, meio e fim, mas se fazendo compreender numa trajetória de vida, de deslocamentos no tempo, levando-se em conta seu contexto geográfico, social, histórico e cultural. Isso não significa que os detalhes, as descobertas não sejam importantes, mas não representam o eixo condutor da trama, da narrativa historiográfica. A biografia insere-se nesse contexto como um lugar de produção da escrita da história, possibilitando tecer fios escriturários, passagens da vida, revelando ou silenciando aspectos do biografado.

Nesse aspecto, a noção de tempo linear passa a ser substituída pela ideia de simultaneidade, na qual o passado articula-se com o presente, imbricando-se em contratempos, interrupções e causalidades. A vida é escrita em trajetórias múltiplas, costuradas em tempos diversos, inconclusos e dinâmicos, sem a singularidade do ser, mas o compartilhamento das experiências no âmbito do coletivo.

Corroborando com essas abordagens metodológicas, Pierre Bourdieu (2006, p.190), no seu artigo “A ilusão biográfica”, diz que é insuficiente tentar compreender uma vida sem fazer associações, sem perceber as relações que são estabelecidas entre o sujeito e a vida social. Para ele, os acontecimentos biográficos se definem como colocações e deslocamentos no espaço social. Dessa forma, o uso da narrativa historiográfica associada à biografia nos remete a uma experiência de tempo histórico, memória e registro social.

Por isso, os fios condutores da vida do biografado, os rastros investigados instigam a compreender a rede de relações sociais por ele estabelecida. José Costa Leite, com sua poesia e sua voz, ainda percorre diversas feiras em vários estados da Região Nordeste, usa da palavra, mas também de sentimento, ao declamar seus folhetos, exprimindo conhecimento, arte, e suas leituras acerca da vida. Debruçar sobre sua trajetória de vida nos remete a refletir sobre o que menciona Jacques Le Goff (2001, p12) quando chama a atenção sobre as responsabilidades do historiador de “situar, fazer compreender, elucidar as palavras dos homens do passado” ao longo do tempo.

1. Trajetórias de um poeta paraibano

José Costa Leite, segundo as pesquisas classificatórias da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB, 2012), pertence à segunda geração de cordelistas, cuja produção inicia-se em 1920/1930 e mantém-se até os dias atuais. Encontramos inseridos nesse grupo João Martins de Ataíde, Manuel Camilo dos Santos, José Pacheco, Manuel Pereira Sobrinho, João Ferreira Lima, Minelvino Francisco Silva, José Soares, José João dos Santos (Azulão), Raimundo de Santa Helena, Rodolfo Coelho Cavalcanti, Manoel D’Almeida Filho e Francisco Sales Arêda. Alguns, de certa forma, se inspiraram nos grandes nomes da literatura de folhetos da primeira geração, entre eles, Leandro Gomes de Barros, Silvino Pirauá de Lima, Francisco das Chagas Batista e João Melquíades Ferreira da Silva.

Conhecido por todo o Nordeste, com folhetos, almanaques e xilogravuras espalhados pelo Brasil e pelo mundo, a poesia de Costa Leite transita entre o universo da ficção literária, dos gracejos, pelepas e das histórias do cotidiano, despertando curiosidades de artistas, intelectuais, escritores e editores. Muitos destes escreveram em apresentações de livros impressões e relatos acerca do universo artístico deste poeta, sua forma de relatar, produzir e contar histórias, entre eles podemos mencionar Maria Alice Amorim (2010), Déserbais Maryaline (2002), Giuseppe Baccaro (2003), Maria Aparecida Lopes Nogueira (2012) e Marcus Accioly (2007).

Entre as considerações sobre a obra de Costa Leite feitas pelos pesquisadores citados, nos chamou a atenção os comentários de Giuseppe Baccaro no prefácio do livro “Sertão Nu e Cru”, de autoria do próprio José Costa Leite, quando diz:

Sua visão é total: como os versos na página branca, assim ele faz nascer, na chapa de Imburana ou cedro, imagens essenciais de suas andanças interioranas. Vive inspirado, de caneta e goiva na mão. Folhetos e xilos surgem assim aos milhares. Ver ele escrevendo um cordel ou desenhando uma chapa é experiência que não têm paralelo no mundo dito erudito, onde se faz e desfaz, para tentar de novo. Nele não há espera entre ideias e ação; e poesia e gravura parecem surgir de uma única imagem; visões complementares que expressam a totalidade deste povo e desta terra, que vive há séculos o castigo da catividade, mas onde nascem homens de gênio como Costa Leite. De nada que ele escreve e grava pode se tirar uma palavra, um traço... Eis um artista “preto no branco”, no sentido mais literal do termo. Todas as cores nascem daí, quando ele canta e grava a vida e os sonhos de sua gente (BACCARO, 2003, p.5).

Marcus Accioly, prefaciando o livro “ABC da Sacanagem” de José Costa Leite, apresenta em suas palavras um poeta firme no tempo, nos versos e na produção, assim descreve:

José Costa Leite, nascido em 27 de 7 de 1927, na cidade de Sapé, Paraíba,... permanece plantado como uma árvore e vivo feito um rio: subindo para o azul as folhas verdes e deslizando às águas as raízes. Escreve um folheto por dia (365 se o ano não for bissexto por ano) e, para descansar, não carrega pedra: faz uma xilo, duas, três, por dia. No oitão de sua casa, à sombra de um pé-de-azeitona, vamos encontrá-lo na cidade de Condado entre Aliança e Goiana Pernambuco, usando a madeira de imburana como prancheta e a madeira do lápis e a do cabo da quicé. O resto é a grafite e a lâmina que transforma tudo nas mãos do poeta e do xilógrafo (ACCIOLY, 2007, p.7).

Com as palavras de Marcus Accioly e Giuseppe Baccaro entendemos um pouco mais do universo desse poeta para ser considerado um “grande artista da palavra” da produção e veiculação de folhetos de cordel. Suas histórias refletem a importância que esse tipo de documento impresso tem para se entender passagens e acontecimentos de nossa história à medida que ele insere em sua poesia os elementos do viver, do seu cotidiano, brincando com as sacanagens, com as métricas e rimas, rindo e provocando o riso nos lábios daqueles que entram em contato com sua poesia.

Dono de uma intensa sensibilidade, este homem vem superando a arte e a poesia no tocante à produção e veiculação de folhetos na Zona da Mata Norte de Pernambuco, mantendo viva a memória poética de histórias que fazem parte do Nordeste e do Brasil. São histórias que percorrem imaginários, transitando no amor, na bravura, no encantamento, no sagrado e no profano. Fiel aos seus princípios e à sua escrita poética, encontramos um cordelista que não se deixou vencer pelos idos do tempo, que acredita no que faz, gosta de contar seus gracejos e pelejas, de cantar seus versos e de encantar corações com suas histórias rimadas. Sua trajetória de vida insere-se na arte e na memória de suas andanças e experiências pelo mundo da palavra e poesia

Ao escrever seus versos, está escrevendo sua vida, seus sentimentos, suas alegrias, angústias e indignações. Como poeta, não está isolado do seu entorno social, muito pelo contrário, imbrica-se com este, como fonte de inspiração para sua produção. Dessa forma, Costa Leite *apropria-se*, utilizando aqui a expressão de Roger Chartier (1995, p.184), de leituras, de imagens e de experiências que circulam na sociedade e percorrem sua narrativa poética. Como menciona Walter Benjamim (1985, p.198-199), “O narrador retira da experiência o que ele conta, seja a sua ou a relatada pelos ouvintes. É essa experiência que passa de pessoa para pessoa a fonte para sua narrativa, para seus relatos escritos”. Sendo a história uma atividade da escrita, o trabalho de José Costa Leite traz à tona um passado que ao mesmo tempo é presente, é memória viva atravessando obstáculos, irrompendo sentimentos, paixões e construindo realidades.

Segundo Antonio Torres Montenegro (2012, p.45-46), “a memória que está viva e presente na vida das pessoas são sinais que estão em constantes movimentos de resignificação, interligados às experiências, mudanças e impressões do presente, fatos e acontecimentos que nos mantêm em contato com o mundo ao nosso redor”. Para Jacy Alves de Seixas (2004, p.51), “a memória, portanto, constrói o real, muito mais que o resgata... A memória age tecendo fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos, mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como realmente aconteceram”.

José Costa Leite nasceu no município de Sapé, no Estado da Paraíba, em 27 de julho de 1927. Uma década em que se registrou a crise da República Velha e do sistema oligárquico, bem como a diversificação da sociedade causada pela urbanização crescente no país, provocando o surgimento de greves e revoltas trabalhistas. Novos agentes sociais exigiram mudanças na sociedade, entre os quais podemos citar a classe média, os sindicatos e o Partido Comunista do Brasil. Algumas oligarquias regionais, como a baiana e a pernambucana, criticavam a hegemonia de São Paulo e Minas Gerais, a República Oligárquica de fazendeiros e coronéis agonizava frente às divergências regionais. Somada a esses fatores, destacamos a crise de 1929, que teve forte impacto na economia brasileira, principalmente na produção cafeeira e na campanha sucessória de Washington Luís (1926-1930), culminando com a explosão da chamada “revolução de 1930”, pondo fim ao que se denominou de Primeira República (FAUSTO, 2003).

Todo esse clima de incertezas políticas também foi registrado no Estado da Paraíba, principalmente quando o governador João Pessoa, que fazia parte da Aliança Liberal, junto com Getúlio Vargas na disputa sucessória à presidência do Brasil, foi assassinado em Recife por um de seus adversários políticos. Assim como ocorreu em outros estados do Brasil, a Paraíba assistiu tardiamente mudanças na sua estrutura social, urbana e cultural, enfrentou divergências políticas com proprietários de terras e buscou estruturação diante dos novos desafios da modernidade (FILHO, 2001).

Percebemos que José Costa Leite nasceu em um momento de mudanças na sociedade brasileira, de grandes inquietações, e a história de Sapé não foge a esse cenário, a essas ressonâncias políticas que ocorriam no país. Seu povoamento, segundo dados do IBGE, data do início do século XVII, cabendo ao português Manuel Antonio Bernardes a prioridade de ser um dos fundadores. Este povoado obteve maior crescimento com a criação da Estrada de Ferro "Great Western", em 1802, rumando para o Rio Grande do Norte. Sua autonomia política ocorreu em 1925, quando se emancipou do município de Sobrado (IBGE, 2012).

Filho de Paulino Costa Leite e Maria Rodrigues dos Santos, José Costa Leite fazia parte de uma família humilde, que trabalhava no campo para sobreviver. Sua mãe, agricultora, plantava milho, feijão, macaxeira, batata doce, algodão, seu pai era cambista (nome dado a pessoas que vivem da troca e venda de mercadorias em feiras) e só vinha para o roçado nos finais de semana. Nesta microrregião, na Paraíba, viveu até os três anos de idade, quando seus pais se mudaram para Itambé, município da Zona da Mata Norte de Pernambuco, o qual compreendia os distritos de Camutanga, Caricé, Ibiranga e Serrinha.

A vida caminhava bem para a família Leite em terras pernambucanas até que seu patriarca faleceu, em 1935, no distrito de Camutanga, com aproximadamente 50 anos, vítima de envenenamento, a mando do feitor da Usina Olho D'Água. Segundo Costa Leite, o crime foi motivado por desavenças relacionadas com o jogo do bicho. O feitor fez um jogo com seu Paulino e perdeu; no dia seguinte, alterou a data e quis receber a quantia, já que os números jogados foram sorteados. Esse foi o estopim que o levou ao crime.

A morte de seu Paulino significou uma tragédia, que se abateu sobre os membros da família, fazendo com que seu irmão mais velho, Paulino Filho, levasse todos para a Fazenda Caldeirão. Consideramos esse momento a primeira *diáspora* na vida de Costa Leite. De volta à Paraíba com seus quatro irmãos, José Costa Leite, então com 8 anos de idade, passou a trabalhar na lavoura de algodão, o que lhe rendia algum lucro no final do mês. Vejamos alguns versos que demonstram muito bem esse momento vivido pela família de Seu Costa Leite, marcado por lágrimas, dor e necessidades financeiras (LEITE, 2012, p. 34-35):

Com a morte do meu pai

Piorou a nossa vida

Minha mãe chorou bastante

Ficou cansada, abatida

Junto com a filharada

Tristonha, desanimada

Na sua vida sofrida

Com a morte de meu pai

Com muita pena eu chorei

Zefinha tinha três anos

Se ela chorou eu não sei

E Antonio na verdade

Com três meses de idade

Muito tristonho eu fiquei

Ficou a família interia

Sem ter alimentação

E Antonio com seus três meses

Sem ter leite e sem ter pão

Se ele pegava a chorar

Mamãe lhe dava de mamar

Meu Deus! Que situação!

Mas suas andanças não pararam nesta cidade. Ele partiu, em meados de 1938, a convite da sua tia, para residir em Pedregulhos, município de Goiana, passando a trabalhar na lavoura da cana-de-açúcar. A história dessa cidade está associada ao povoamento da Capitania de Itamaracá, dos engenhos de cana-de-açúcar, das vilas e povoados que surgem nas suas cercanias. Severino Vicente da Silva (2011, p. 26-27) nos relata que “a conquista da terra do continente deu origem à Vila de Goyana, criada por todos, sem um herói fundador. A vila recebeu o mesmo nome do rio e nas proximidades foram fundados engenhos”.

Foi nesse cenário de mata norte, cercada por plantações de cana-de-açúcar e engenhos, que enveredou José Costa Leite e sua família. Seu Costa não se deixou

vencer pelas circunstâncias e desafios da vida; além do trabalho da limpeza da cana, foi cambista, mascate, plantou inhame e foi camelô na feira. Nenhum desses trabalhos, por mais pesado que fosse, impediu sua força de vontade de conseguir algo melhor na vida, seus caminhos possibilitaram várias escolhas. Assim escreve (LEITE, 2012, p.117):

Nas minhas andanças eu
Fui cambista, camelô
Fui cassaco de Usina
Peguei frete, fui feitor
Fui pescador, fui mascate
Vivi fazendo biscate
E fui também agricultor

Em 1947, estando muito doente, sua mãe veio a falecer, desarticulando a família e dissipando seus membros. Esse fato corresponde à segunda *diáspora* na vida do poeta. Cada membro da família tomou um rumo e José Costa Leite, aproveitando as possibilidades e janelas da vida, seguiu o caminho da poesia, da arte e da produção de folhetos populares. Não quis seguir seu irmão, que para ele tinha “espírito de cigano”, por não fixar moradia em lugar nenhum, sem paradeiro, sem plantar raízes. Assim diz o poeta: “Meu irmão era um cigano / gostava de se mudar / pelo mundo procurando/ Outro sítio para morar (LEITE, 2012, p.48)”. Com relação aos caminhos seguidos após a morte de sua mãe, ele menciona (LEITE, 2012, p. 117):

Daqui por diante eu vou
Falar sobre poesia
Falar de xilogravura
De CD, de cantoria
De trabalho, de roçado
De repente improvisado
E também de Astrologia

Sobre esse momento, Costa Leite lembra muito bem, busca em seus relatos de memória um tempo vivido, passado, mas que se faz presente com seus significados e lembranças. Seus relatos nos possibilitam fazer leituras dos diversos deslocamentos temporais que marcaram sua vida. Segundo Lucilia Delgado (2010, p.38), “a memória é inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo, e do entrecruzamento de tempos múltiplos”. Ainda, segundo a autora, “a memória atualiza o tempo passado, tornando-o tempo vivido, e pleno de significados no presente”. Vejamos o que relata seu Costa Leite, sobre sua trajetória de vida e os momentos difíceis enfrentados após a morte de seu pai em entrevista concedida em 28 de maio de 2011²:

É o seguinte, eu saí de Sapé muito jovem e nem sabia que tinha morado em Sapé e aos três anos ninguém sabe de nada. Agora, eu vim numa mudança com meu pai, meu tio trouxe eu, a maior parte. Pegado nos meus pés assim (faz gestos) e eu nas costas dele pegado na nuca. Agora em 1935 meu pai foi assassinado em Sapé, em Sapé não em Camuntanga. Ele era cambista o camarada queria roubar ele, como ele não se sujeitou a ser roubado botou uma pistola em cima dele, é uma história comprida. Ele sabia que tinha uma velhinha em Serrinha que é Juripiranga hoje, mas o pessoal que mora lá pergunta você mora aonde meu amigo em Serrinha, ninguém fala em Juripiranga não. Ele soube de uma amizade que meu pai tinha com a velhinha, que tinha um café, que tomava café lá, andava o dia todinho chegava lá fazia um lanche, aí o camarada mandou botar veneno no café do meu pai e a velha o matou. Depois pegou a chorar, matei, prometeu vinte cruzeiros, vinte mil réis a velha. É porque ele é cabeçudo, ele tá com uma doença crônica que não vai ter cura e se tomar esse remédio ele fica bom, a gente dar vinte mirréis a senhora. A velha pensou no dinheiro, resultado, meu pai faleceu e ela não recebeu o dinheiro, os vinte mirréis. Castigo dela. E então eu tinha oito anos fui limpar cana, com oito ano de idade, meu trabalho, para ganhar mixaria, o que ganhava não dava nem pra comer. Depois meu irmão era muito, era... parece que nasceu com o espírito de cigano, meu irmão parece que tem espírito de cigano, não

² Entrevista realizada por Geovanni Cabral, em Condado/PE em 28 de maio de 2011.

deixava a gente criar lodo que nem a pedra que se muda, num cria lodo. Fica rolando demais. Era o caso dele. Ficou como chefe da família eu sendo mais jovem do que ele e não podia fazer nada pelas minhas irmãs, porque tinha Zefinha, Maria, Toinha e Severina e minha mãe. Era muita gente pra uma criança de oito anos tomá conta. E então meu irmão ficou como tutor da gente todo, mas não gostava da vida que levava que o negócio dele era viajar de mundo afora até arrumar uma mulher para se casar. Então prejudicou muito a família, fez doze mudanças em dez anos. Eu plantava a rocinha, quando a rocinha estava desse tamanho e já botando macaxeira, ele arrumava outro canto melhor, outro canto melhor, outro canto melhor, nunca arrumou um sítio que tivesse um pé de jaca, um pé de laranja, nunca arrumou e a casa não prestava era uma casa de palha, às vezes, na maioria das vezes, coberta de palha e tapada de palha, e a porta de palha. Só arrumava desse jeito. Até que minha mãe faleceu e cada qual tomou seu destino³.

De fato, após o falecimento de sua mãe, radicou-se em uma microrregião da Mata Norte de Pernambuco, mais precisamente na localidade de Condado, um distrito criado com a denominação de Goianinha pela lei municipal de nº 28, de 07 de julho de 1896, ficando subordinado ao município de Goiana até por volta de 1960. Neste transcurso, em 1943, por sugestão do historiador e geógrafo Mário Melo, alterado pelo decreto municipal nº 952 de 31 de dezembro, Goianinha passou a ser denominada de Condado em homenagem ao Engenho Condado e a um riacho que corta a localidade. De acordo com dados do IBGE, em 1958, é elevada à categoria de município, lei estadual nº 3340 de 31 de dezembro (FONSECA, 2008, p. 112). Reside até o presente momento, com seu atelier, versificando e contando histórias, quebrando barreiras do tempo e da memória. Mesmo diante dos avanços tecnológicos, Costa Leite acredita na força do cordel, na sua capacidade de informar, contar e distrair. Ele acredita, ainda, que a

³ Para o uso da metodologia da história oral há uma bibliografia rica e renovada no Brasil, destacamos os trabalhos de MONTENEGRO, 2012; 2007; 2010, GUIMARÃES NETO, 2008; 2012; 2006; GOMES, 2008, MONTYSUMA, 2012, SCHMIDT, 2012.

peessoa nasce poeta, que o ato de escrever e poetizar não se aprende na escola, vem desde o nascimento. Assim versifica o poeta (LEITE, 2012, p. 140):

O cordel já vem do sangue
Tinha recebido a seta
Da deusa da poesia
Numa paisagem direta
Olhando um dicionário
Pois não há Educandário
Que ensine a ser poeta

Pois a pessoa já nasce
Trazendo a poesia
No dia que ele morrer
Ela vai em companhia
Pois a poesia é bela
O vivente nasce com ela
E no júzo ela se cria.

Em um de seus folhetos intitulado “Quem gostar de Terra boa só quer morar em Condado” (LEITE, s/d) o poeta expõe o porquê de morar tantos anos na referida cidade de Condado, destacando suas especificidades e seus encantos, como podemos ler nas estrofes abaixo:

A antiga Goianinha
Que é Condado hoje em dia
É a terra da magia
Que o povo sempre acarinha
Tem a cidade vizinha
Goiana no mesmo estado

Condado

É um lugar amado

A notícia sempre voa

Só quer morar em Condado.

É estrela da zona da Mata Norte

Da zona pernambucana

É a cidade da cana

Seu terreno é muito forte

Bom pra se pegar transporte

Tem carro pra todo lado

É o lugar apropriado

Onde não tem gente a-toa

Quem gosta de terra boa

Só quer morar em Condado.

Neste mesmo folheto, Costa Leite destaca a riqueza das terras de Condado, suas lembranças de um tempo rico e fecundo para agricultura, com seus roçados e fruteiras, típicos da geografia da região norte do Estado de Pernambuco. Observem:

Condado é terra da jaca

Manga, mamão, macaxeira

Pra população inteira

Até mesmo em Jararaca

A produção não é fraca

Dar cada inhame aloprado

Só vive contando loa

Quem gostar de terra boa

Só quer morar em Condado.

[...]

O Condado é bom demais

Pra quem planta agricultura

Pois é terra da fartura

E muita gente, aliás

Na lavoura vive em paz

Planta muito e tem lucrado

Lavoura no seu roçado

E canta dizendo loa

Quem gostar de terá (terra?) boa

Só quer morar em Condado.

2. Produção de José Costa Leite entre folhetos, xilogravuras e almanaques

José Costa Leite começou vendendo folhetos de José Martins de Ataíde e João José, mas foi no ano de 1947 que escreveu seus primeiros cordéis, intitulados “Eduardo e Alzira – uma história de amor” e “Discussão de José Costa Leite com Manuel Vicente” (AMORIM, 2010, p.73). Desse momento em diante, desponta um cordelista que nunca frequentou uma escola, aprendeu a ler com seu pai, ouvindo histórias de folhetos e poetas que recitavam versos nas feiras livres, nas andanças pelo Nordeste. Essa prática de letramento foi utilizada também por outros poetas, que, diante dos versos rimados e decorados, aprendiam a ler.

Segundo Ana Maria Galvão (2001, p.109), essa relação entre leitor e ouvinte desempenhava um papel importante no processo de aprendizagem e suas práticas culturais. Para a autora “a leitura e a audição de folhetos também cumpria, assim, um papel educativo em relação a uma sociedade caracterizada pelas altas taxas de analfabetismo”, levando muitos a aprender e a desenvolver suas habilidades de leituras por meio destes folhetos.

Mas sua arte não cessou na versificação de folhetos e representações de histórias nordestinas, aprendeu também vendo e experimentando a arte da xilogravura, passando a produzir e a desenhar suas próprias talhas na madeira da imburana, ilustrando seus próprios folhetos e imprimindo o selo “a voz da poesia nordestina”. Em todo folheto de sua autoria, vem sempre registrada essa marca que o identifica enquanto autor e proprietário dos direitos autorais. É importante ressaltar que outros poetas, nesse mesmo espaço de tempo, também se destacaram na produção da arte xilográfica, entre eles, Francisco Borges, Minelvino Francisco, Franklin Maxado, Jerônimo Soares, João Antônio de Barros, Dila, Abraão Batista e Eneias Tavares dos Santos (HAURÉLIO, 2010, p. 100).

Cabe mencionar que Costa Leite também escreveu, em 1950, um Almanaque denominado de Calendário Brasileiro, com previsões para o ano de 1960, e desta data em diante não cessou de fazer suas adivinhações, orientações e dar conselhos, somando a isso sua vasta experiência com a cultura e a vida. Este Almanaque era intitulado anteriormente de Calendário Brasileiro e Almanaque do Padre Cícero. Mas a partir de 1999, Seu Costa Leite reconheceu que seus prognósticos eram especificamente do Nordeste, passando a nomeá-lo de Calendário Nordestino (NOGUEIRA, 2012, p.15).

Tendo as feiras livres como palco para divulgação de seus folhetos e seus almanaques, seu Costa - assim como é conhecido na cidade onde reside - circulou por todo o Nordeste brasileiro, soltando a sua voz, cantando e encantando. Percorreu o interior do Rio Grande do Norte, Ceará, Bahia e cercanias limítrofes entre a Paraíba e Pernambuco. Hoje, por conta da idade e das dificuldades de vendagem, ele vai apenas na segunda-feira para a feira de Itambé ou Itabaiana. Contando com um público consumidor desses folhetos, o cordel informava, ensinava e divertia o público como elemento de entretenimento (CURRAN, 2001, p.19). Cabe destacar que o folheto, apesar de ter importância nas cidades, em relação à sua vendagem e leitura ocorreram com maior propagação e expressividade no interior das capitais (SLATER, 1984, p.22).

José Costa Leite, com sua poética encantadora, seduz pela forma como transita entre a poesia e a história, fabulando em versos que representam e imprimem por meio da palavra sua cosmovisão de mundo. Deixa fluir uma sensibilidade que o faz caminhar por entre mundos reais e fantásticos. Seu olhar poético o faz se apropriar das coisas que estão à sua volta, retratando o Brasil e seu povo. Toda criação poética, afirma Antonio Celso Ferreira (2011, p. 67), “está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem”.

Hoje, o poeta edita suas histórias na Editora Coqueiro, à qual vem toda semana, religiosamente, trazendo seus versos e xilogravuras em papel pautado para a impressão. Por sua vez, a Editora edita seus folhetos e tem um compromisso de levá-los a feiras e congressos espalhados pelo Brasil, divulgando assim seu trabalho, dando materialidade às suas histórias.

As histórias e versos de José Cota Leite brotam como flores do campo, rompem fronteiras e territórios, surgem de experiências que foram somadas durante sua trajetória de vida, andanças e passagens. Podemos dizer que este poeta é um andarilho do tempo, das tradições, da voz e da poesia, que faz do verso sua morada e do folheto sua inspiração. Sua memória é como um palácio real, que guarda tesouros expressos em palavras, versos e imagens.

Portanto, é nesse jogo de palavras, versos e estrofes que este poeta produziu e produz inúmeras histórias, na iminência de manter vivo um *corpus* documental, uma fonte literária que circula pelo Brasil e pelo mundo entre feiras, museus e exposições. É dessa forma que sua arte se faz presente entre nós, e seus folhetos devem ser lidos, comentados e sociabilizados, atestando sua importância enquanto registro da memória e da vida.

FONTES E REFERÊNCIAS

FOLHETO DE CORDEL

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

LEITE, José Costa. **Quem gostar de terra boa só quer morar em Condado**. Recife, Ed. Coqueiro, s/d.

FONTES ELETRÔNICAS

www.ibge.gov.br

www.casaruibarbosa.gov.br

BIBLIOGRAFIA

AMORIM, Maria Alice. **Patrimônios, vivos de Pernambuco**. (Org). Maria Acselrad. Recife, FUNDARPE, 2010.

BACCARO, Giuseppe. In: LEITE, José Costa. **Sertão nu e cru**. Prefaciado por Giuseppe Baccaro. Recife, Ed. Coqueiro, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Vavy Pacheco. Desafios da Memória e da Biografia: Gabrielle Brune-Sieller, uma vida (1874-1940). In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia.(Org.) **Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. 2.ed. Campinas, SP, Ed. da Unicamp, 2004.

BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e Literatura: entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real**. 1.ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e Marieta de Moraes Ferreira. (Org.) **Usos e abusos de História Oral**. 8.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2.ed, DIFEL, 2002.

_____. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.8, n.16, 1995, p.184

CURRAN, Mark J.. **História do Brasil em Cordel**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo e identidade**. 2.ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo, Edusp, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte, Autêntica, 2001.

GUIMARRÃES NETO, Regina B. Espaços e tempos entrecruzados na história: práticas de pesquisa e escrita. In: MONTENEGRO, Antonio Torres et. al. **Cultura e sentimento: outras histórias do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá; ED. da UFMT, 2008.

_____. **Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX**. Cuiabá, MT: Carlini e Caniato; EdUFMT, 2006.

_____. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, Robson et al. **História Oral, desigualdades e diferenças**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

GOMES, Ângela de Castro. Trabalho análogo a de escravo: construindo um problema. **História Oral**: revista da Associação Brasileira de História Oral, Rio de Janeiro, v.11, n.1-2, jan/dez, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 11. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura. In: **O historiador e sua fontes**. (Org.) PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de. 1.ed, São Paulo: Contexto, 2011.

FILHO, Gabriel Bechara. **Arte e Sociedade na Parahyba (1915-1930)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. João Pessoa, 2001.

FONSECA, Homero. **Pernambucânia: o que há nos nomes das nossas cidades**. 2.ed. Recife: CEPE: FUNDARPE, 2008.

HAURÉLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. São Paulo: Claridade, 2010.

LEITE, José Costa. **Sertão Nu e Cru**. Ed. Coqueiro. Recife, 2003.

_____. **A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite.** Ed. Coqueiro, 2012.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis.** Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARYALINE, Déserbais. **Tristão e Iseut ou O amor na literatura de cordel.** Tese de Licenciatura apresentada na Université de Poitiers. Paris, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Travessias e desafios. In: LAVERDI, Robson et al. **História Oral, desigualdades e diferenças.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

_____. **História, Metodologia, Memória.** São Paulo: Contexto, 2010.

_____. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada.** 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTYSUMA, Marcos. Subjetividade e história oral: possíveis interações na autorização da cessão de uso de relatos. In: LAVERDI, Robson et al. **História Oral, desigualdades e diferenças.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. O almanaqueiro Costa Leite. In: **A vida da minha vida: uma autobiografia de José Costa Leite.** Ed. Coqueiro, 2012, p.13-31.

SILVA, Severino Vicente da. **Pretinha do Congo de Goiana: uma nação africana na Jurema da mata norte.** Olinda, Ed. Associação Reviva, 2011.

SLATER, Candace. **A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil.** Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

_____. Do que falamos quando empregamos o termo “subjetividade” na prática da história oral? In: LAVERDI, Robson et al. **História Oral, desigualdades e diferenças.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL